

XX Concurso Regional de Contos, Crônicas e Poesias Oscar Bertholdo

Título da obra: Uma mosca

Pseudônimo do autor: Santiago Zucchini

Modalidade: crônica

Categoria: 03

Era hora do jantar. Ao cabo de um longo e penoso dia de serviço, o Sr. Pereira podia enfim descansar seus velhos ossos e nutrir sua carne judiada de operário. A refeição era o que havia de mais sagrado na rotina dele, pois representava a suprema recompensa pela tarefa morosa que desempenhava na fábrica. Não se queixava com frequência, mas seus poucos amigos sabiam como ele detestava seu trabalho; cada parafuso frouxo lhe dava uma vontade insana de matar alguém.

Naquele momento, contudo, ficou aliviado. Finalmente chegara a santíssima e abençoada hora do jantar. Em primeiro lugar, agradeceu ao Pai, já que nunca lhe faltara comida na mesa. Sua humilde situação financeira lhe concedia ao menos a possibilidade de satisfazer o paladar requintado - não sem algumas privações materiais. Vinho tinto, cordeiro, queijos exóticos, cebolas, tomates, folhosas frescas, massas e petiscos variados se somavam a talheres reluzentes, luz de velas, toalha impecavelmente limpa e todo o resto na mais perfeita ordem para iniciar o ritual dionisíaco... exceto aquela mosca.

A presença profana causou um turbilhão no espírito do Sr. Pereira, que já estava se preparando para o momento de êxtase. Decidiu que não tocaria em uma única azeitona enquanto vivesse a invasora. Como se tivesse lido seus pensamentos, o sádico inseto começou a dar voltas ao redor de sua cabeça em sinal de provocação. Assim, travou-se uma luta épica entre homem e mosca, em que a força colossal do primeiro era desafiada pela velocidade extraordinária da segunda.

Ao notar indícios de cansaço nos golpes do Sr. Pereira, sua inimiga percebeu que já podia atacar o banquete. Estava tudo ocorrendo conforme ela havia planejado. O primeiro alvo foi a travessa de carne gordurosa no centro da mesa, escolha um tanto ousada para o início. O cidadão mal podia acreditar que aquela mosca, que dezenas de vezes se deliciara com fezes de animais de todo gênero, se atrevia a pousar suas patinhas imundas no prato principal. Assim, embora tenha logrado algumas chupadas, a felicidade foi breve. O oponente deixou escapar um urro de raiva e desferiu-lhe um tapa vingador de cento e oitenta graus com

toda a ferocidade. Mesmo não atingindo o diminuto invertebrado, o ar deslocado pela mão o afastou e fez com que voasse sem rumo pela cozinha.

Após recobrar o foco, a mosca malandra aproveitou a oportunidade para se esconder. O olhar ensandecido do Sr. Pereira vagava por cada canto e cada sombra do cômodo, mas de nada adiantava. Forçou alguma tranquilidade respirando fundo e resolveu vasculhar a área. Procurou tirar os potes e os vasos do lugar habitual. Sem resultado. Moveu o fogão, a geladeira e até a moldura francesa que herdara de sua avó, mas todas as tentativas foram vãs. Resignado, dirigiu-se à mesa outra vez, pois pensou que a desgraçada já havia desistido àquela altura. Foi então que ele a viu: numa segunda investida, a pequena criatura se aproximava avidamente do gorgonzola.

Com a fúria de cinco homens, o Sr. Pereira tentou agarrá-la, esmagá-la, espancá-la, mas a mosca havia descansado no intervalo e pôde escapar de seus ataques com facilidade. O proprietário não mais se preocupava em manter a refeição intacta, contanto que conseguisse dar um fim ao ser que ousava profanar seus alimentos sagrados. Quando a mosca voou em direção a um primoroso bolo de pêssego, que custara tanto zelo e carinho na confecção, seu dono tentou aplicar nela um golpe como nunca antes havia dado. O movimento desviou para baixo por descuido e acertou a sobremesa em cheio, fazendo-a espatifar-se contra um canto da cozinha numa explosão incrível de massa e recheio cremoso. O inseto não resistiu ao ver o espetáculo. Dirigiu-se à substância pegajosa e doce grudada na parede e começou a comilança. No entanto, para o seu desespero, logo se deu conta de que jamais conseguiria libertar seus membros do recheio grudento.

A sorte virou para o lado do Sr. Pereira. Com um sorriso satânico, ele se aproximou da inimiga a passos vagarosos. Preparou o tapa derradeiro e, com um enorme estrondo, pôs termo à vida miserável do bicho de uma vez por todas. O homem mal conseguiu conter seu gozo terrível após virar lentamente a palma da mão para ver o cadáver esmagado em meio à gosma açucarada. Ele pensou, por fim, que poderia apreciar o que havia restado do jantar com a maravilhosa sensação de uma vitória merecida.

Contudo, passado esse instante fugaz de euforia, uma profunda angústia cresceu no coração do vitorioso. A comida já havia esfriado. Um silêncio melancólico reinava sobre a casa. Não tinha esposa, não tinha filhos. Era um indivíduo carrancudo e sem paciência para aturar problemas familiares. De súbito, a consciência do trabalhador foi perturbada por uma série de questões existenciais: ora, no fim das contas, aquela mosca só queria obter um pouco de alimento. Só estava buscando a própria sobrevivência, assim como todos nós! A única diferença é que ela não compreendia a ideia de propriedade privada. Então o operário olhou

para a sua própria condição. Com amargura, percebeu que logo ficaria velho e lento demais para o serviço que executava. Seria expulso do mercado de trabalho, pois não suportaria mais o ritmo frenético imposto pelo sistema selvagem em que estava inserido. Afinal, será que tudo se resumia a uma competição violenta e amoral por recursos, em que os piores ou inválidos são descartados e esquecidos? Perdeu a fome. Ao raiar do dia seguinte, ele teria que voltar à fábrica para ser explorado até o fim de suas forças pelo patrão obeso e dissimulado. No mundo dos homens, talvez o Sr. Pereira não fosse tão diferente daquela mosca. Ambos condenados a passar toda a existência sacrificando suor e sangue para obter as migalhas que conseguiam no grande bolo dos vencedores.